

DIFERENTES ANTIOXIDANTES NO CULTIVO *IN VITRO* DE PIMENTA ROSA

¹ SCHMIDT, G. A. (guilhermeagronomiaufgd@outlook.com); ² REZENDE, R. K. S. (rkelson@ufgd.edu.br); ³ PINTO, F. (fernandapinto@ufgd.edu.br); ⁴ JESUS, M. V. (mvjagro@gmail.com); ⁵ DUARTE, R. P. (rafa.pduarte@hotmail.com); ¹ SILVA JUNIOR, I. R. (izaias_jr@hotmail.com).

¹ Aluno do curso de Agronomia - UFGD; ² Professor da FCA - UFGD; ³ Doutoranda em Agronomia/Produção; Vegetal - UFGD; ⁴ Mestrando em Agronomia/Produção; Vegetal - UFGD; ⁵ Aluna do curso de Biotecnologia - UFGD.

Há a necessidade do desenvolvimento de metodologias de cultivo e propagação das espécies do Cerrado, tanto para exploração econômica como para conservação. A pimenta rosa (*Schinus terebinthifolius* Raddi) apresenta diversas propriedades medicinais (adstringente, antidiarréica, antiinflamatória, depurativa, diurética e febrífuga), sendo extensamente explorada por populares. O cultivo *in vitro* representa uma importante alternativa para a produção de mudas e conservação desse recurso genético, destacando-se a micropropagação, que permite obter plantas com características genéticas idênticas, em larga escala e em curto espaço de tempo. Objetivou-se estabelecer um protocolo eficiente de micropropagação de pimenta rosa avaliando-se o efeito de diferentes antioxidantes em meio de cultura para controlar a oxidação dos explantes. O experimento foi conduzido no Laboratório de Biotecnologia Vegetal do Centro de Biotecnologia e Melhoramento Genético da Cana-de-Açúcar do Mato Grosso do Sul, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS. Foram utilizados segmentos nodais de 2 cm de comprimento, sendo manipulados em câmara de fluxo laminar durante o processo de desinfestação: 3 minutos em álcool 70% (v/v) e 10 minutos em hipoclorito de sódio (2,5% de cloro ativo) acrescido de gotas de detergente comercial. Após esse procedimento, os explantes passaram por 3 lavagens em água destilada (10 minutos cada). Os explantes foram inoculados em duas posições distintas (na vertical e horizontal) em tubos de ensaio contendo 10 mL de meio de cultura MS padrão (30 g L⁻¹ de sacarose; 6 g L⁻¹ de ágar), suplementado com 1 mg L⁻¹ de BAP e 0,1 mg L⁻¹ de ANA. Os tratamentos utilizados foram T0: 0 dias no escuro; T1: 7 dias no escuro; T2: 7 dias no escuro + 400 mg L⁻¹ de polivinilpirrolidona (PVP), T3: 7 dias no escuro + 3 g L⁻¹ de carvão ativado e T4: 7 dias no escuro+100 mg L⁻¹ de ácido ascórbico . Os explantes foram mantidos em sala de crescimento, sob temperatura de 25 ± 2°C. Os tratamentos T1, T2, T3 e T4 permaneceram no escuro por 7 dias, sendo posteriormente expostos a fotoperíodo de 16 horas e intensidade luminosa de 43 μmol m⁻² s⁻¹. Cada tratamento foi constituído de 4 repetições de 5 tubos cada, totalizando 20 tubos. A cada 7 dias após a inoculação (durante 35 dias), foram avaliados as porcentagens de contaminação por fungos e bactérias, formação de brotações, presença de calos e oxidação dos explantes, sendo os resultados expressos em porcentagem. O tratamento T4 (independente da posição do explante), propiciou a obtenção do maior número de brotos (85%) e baixos índices de oxidação (5%) e contaminação por fungos (5%) e bactérias (5%).

Palavras-chave: *Schinus terebinthifolius* Raddi; planta medicinal; micropropagação.